

ANGÉLICA OLIVEIRA ADVERSE

MODA: MODERNA MEDIDA DO TEMPO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Visuais

Área de Concentração: Criação, Crítica e Preservação da Imagem

ORIENTADOR: Prof^a. Dr^a. Patrícia Franca-Huchet

BELO HORIZONTE

ESCOLA DE BELAS ARTES DA UFMG

2011

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo geral examinar a relação entre moda e arte. Mais especificamente, tentamos entender a moda como um fenômeno social que propicia uma nova experiência de tempo que modifica a narrativa histórica. Para tanto, foi necessário adotar como referencial teórico a pesquisa sobre arte, tempo e narrativa histórica realizada por autores que estudaram suas transformações no início do século XX. Escolhemos trabalhar, por essa razão, os movimentos artísticos de vanguarda Futurismo e Dadaísmo por entenderem a moda como a experiência temporal do efêmero que inaugurava uma nova dimensão do fazer artístico e uma nova percepção da obra de arte.

ABSTRACT: This dissertation examines the relationship between fashion and art. More specifically, it aims at understanding fashion as a social phenomenon, originating a new experience of time that modifies its historical narrative. We adopted as theoretical references the works of authors that were sensitive to the transformations of art, time and historical narrative in the beginning of the twentieth century. In our research we have privileged two “avant-garde” artistic movements: Futurism and Dadaism. As a matter of fact, both understood fashion as an experience of the ephemeral that opened up a new dimension in making art and a new perception of the work of art.

Conclusão

Eterno Limiar

“Ritos de passagem – assim se denominam no folclore as cerimônias ligadas à morte, ao nascimento, ao casamento, à puberdade etc. Na vida moderna, estas transições tornam-se cada vez mais irreconhecíveis e difíceis de vivenciar. Tornamo-nos muito pobres em experiências liminares. O adormecer talvez seja a única delas que nos restou (e, com isso também o despertar). E finalmente, tal qual as variações das figuras do sonho, oscilam também em torno de limiares os altos e baixos da conversação e as mudanças sexuais do amor. ‘Como agrada ao homem’, diz Aragon, ‘manter-se na soleira da imaginação’ (no limiar das portas da imaginação) – Não é apenas dos limiares destas portas fantásticas, mas dos limiares em geral que os amantes, os amigos, adoram sugar forças. As prostitutas, porém, amam os limiares das portas do sonho. – O limiar (*Schwelle*) deve ser rigorosamente diferenciado da fronteira (*Grenze*). O limiar é uma zona. Mudança, transição, fluxo estão contidos na palavra *Schellen* (inchar, intumescer) e a etimologia não deve negligenciar estes significados. Por outro lado, é necessário determinar (manter, constatar) o contexto tectônico e cerimonial imediato que deu à palavra seu significado. Morada do Sonho.”¹

Gostaríamos de retomar o estudo de Walter Benjamin sobre a experiência limiar para analisar as propostas de transformação da arte, da estética e do gosto, apresentadas pelos movimentos artísticos Futurismo e Dadaísmo. Podemos designar esta experiência como um conceito que designa as transições, as mudanças e as transgressões. Benjamin define o limiar como uma zona na qual há uma consciência do trânsito e das mudanças. Assim, a experiência de limiar poderia também ser compreendida pela referência às alegorias do tempo e do espaço.

Para Walter Benjamin, a constituição temporal da modernidade, fundada no efêmero e na velocidade da passagem do tempo, nos impede de vivenciar as mudanças acarretando com isso uma atrofia da experiência limiar. A aceleração contínua do tempo moderno impede que constituamos ritos que nos permitam vivenciar as mudanças e as transgressões. Os antigos rituais, que apresentavam a

¹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG, Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 535.

transformação dos nossos hábitos e costumes, foram substituídos pela dinâmica das novidades do sistema da moda.

Na perspectiva de Jeanne-Marie Gagnebin², parte do trabalho dos antropólogos modernos foi tentar compreender como nas grandes cidades modernas as culturas vivenciavam os rituais de passagem. Segundo ela, a experiência liminar é uma espécie de “rito de margem”, estando relacionada aos períodos de transformação em que deixamos um território estável para adentrar em outro. Por isso, é visualizada na vida moderna apenas por meio de uma nova relação com o tempo. Esta nova vivência do tempo está ligada à memória e às sensações oníricas nas mais diversas sensações, geralmente associadas à recepção artística e à oscilação entre os estados de sono e vigília. Dessa maneira, podemos compreender a experiência limiar como uma experiência de passagem entre territórios indeterminados e indefinidos. Estes territórios podem ser definidos como a infância, os sonhos, a arte etc. São territórios que nos permitem compreender as mudanças do espaço e do tempo, do mito e da história, da vida e da morte.

As experiências limiarias designam um sonho relacionado ao espírito do tempo de cada época. Gostaríamos de pensar as propostas das vanguardas artísticas como sonhos que representavam este trânsito entre o mito e a história. Se para o Futurismo esta experiência limiar designava o mito do progresso histórico, no Dadá, a experiência limiar indicava a transgressão da mitologia moderna. Podemos compreender, a partir de ambos, como estas experiências de transição, fluxo e mudança da percepção do tempo foram traduzidas nas narrativas artísticas. A percepção do efêmero provocada pelas acelerações das mudanças da moda designou, para o futurismo, a crença nas mudanças do futuro e, para o dadaísmo, um niilismo absoluto em relação às transformações do processo de modernização. Em ambos, a experiência liminar representa a maneira como cada movimento artístico posicionou-se frente à experiência das mudanças históricas, políticas, sociais e culturais no início do século XX.

A experiência liminar futurista pode ser compreendida pela dimensão utópica da fusão entre a arte e a política. Como o próprio Walter Benjamin observou: “a

² Ver “Entre a Vida e a Morte”. In: SEDLMAYER, Sabrina. *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, pp. 12-26.

reprodução em massa corresponde de perto à reprodução das massas³”. A estetização da guerra, no movimento futurista, exemplifica a transformação da percepção artística pela técnica. Para o futurismo, o fazer artístico fundia-se à destruição de uma ordem do mundo: “*fiat ars, pereat mundus*”⁴. A experiência liminar, apresentada pelos manifestos e pelas criações futuristas, diz respeito à transformação do homem pela técnica.

Por esta razão, vimos colidir no interior do próprio movimento alguns interesses referentes aos conceitos artísticos que superestimavam o *homo faber*, destituindo a importância do *homo ludens*. Esse dilema se manifesta pela relação da estética com a técnica, ou seja, pela substituição da bela forma pela bela máquina. Da mesma maneira, torna-se uma referência para pensarmos a substituição da fruição da arte pela pragmática, um exemplo expressivo do uso da arte para fins políticos e para a reforma de uma práxis vital.

No movimento Dadá, a experiência liminar se dá no encontro das forças oníricas do passado com a revolução histórica do presente. Foram os dadaístas, e não os surrealistas (como acreditava Benjamin), os primeiros a descobrirem as “energias revolucionárias” do mundo das coisas que começavam a “sair de moda”. A experiência liminar dadaísta diz respeito àquilo que é ao mesmo tempo próximo e distante. O onírico representa o território no qual convergem as imagens do passado, como uma força transgressora do presente. No Dadaísmo, a mitologia moderna é representada pelos sonhos de futuro formulados no passado. Assim, a figura do sonho deste limiar traz em si o desejo de romper a progressão histórica da modernidade. A personagem *Da Dandy* traz em seu cerne o passado e o presente, ela figura a experiência da descontinuidade temporal própria da moda.

Dessa maneira, a experiência limiar no Futurismo expressa a transformação do homem pela conexão à máquina. A experiência limiar Dadá expressa a crise dessa fusão. A união entre homem e máquina é, para os dadaístas, simplesmente absurda. Enquanto o futurismo buscou assimilar a racionalidade técnica, o dadaísmo ressaltou a

³ BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 194.

⁴ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG, Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 588.

imprevisibilidade e a incoerência. Como define David Batchelor, os absurdos “mecanicomórficos” dadaístas podem ser lidos como paródias do deslumbramento tecnológico futurista:

“Seus absurdos ‘mecanicomórficos’ podem também ser lidos como paródias do deslumbramento dos futuristas com a máquina como emblema da modernidade; eles convergem com a hostilidade de Tzara em relação à racionalidade, à lógica e à organização; podem ainda ser considerados reflexões sobre o propósito cruel a que serviram as máquinas das guerras. Suas características humanas e sexuais implícitas podem ser tomadas como ‘trocadilhos visuais’ sobre a produção e a reprodução nos humanos e nas máquinas, o poder, os desejos, e o desempenho. Podem estar indicando alguma noção de desejo sublimado na produção industrial, ou algo mecânico e regulado nas relações humanas.”⁵

Estas oposições definem a maneira como os movimentos compreendem a identidade do homem moderno. Para o Futurismo a temporalidade moderna representa a virilidade masculina. A destruição do progresso é símbolo da força, o futuro designa a superioridade ao passado. No movimento dadaísta, o hibridismo maquínico representa a crise do gênero e a deserção da guerra significa um afastamento dessa virilidade combativa. A androginia feminina representada nas criações dadaístas pode ser interpretada como uma resistência crítica a este eixo de dominação cultural.

“No deslocamento da transitoriedade da natureza às mercadorias, a força vital da sexualidade também se desloca. Pois, o que é desejado? Não é mais o ser humano: o apelo sexual emana das roupas que se usa. Humanidade é onde você pendura seu chapéu. Em uma inversão macabra do sonho utópico de reconhecimento entre humanidade e natureza, a moda ‘inventa uma humanidade artificial’.”⁶

Os “ritos de margem” são apresentados a partir da moda porque, como observa Susan Buck-Morss, é por intermédio dela que a utópica promessa de mudança se realiza na modernidade. A inscrição da moda em corpos e objetos presentifica a formação discursiva de novas identidades na modernidade. Assim, a moda torna-se um rito de celebração do novo homem moderno. A moda é responsável por dinamizar as suas mudanças alternando as ações da memória com o esquecimento e, por isso,

⁵ Ver BATCHELOR, David et alii. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: A Arte no Entre-Guerras*. São Paulo: CosacNaify, 1998, p. 35.

⁶ BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens*. Belo Horizonte: UFMG; Chapecó: Argos, 2002.

torna-se um símbolo da memória coletiva. A celebração da novidade da moda, representada na arte moderna, refere-se ao efeito do esquecimento em escala coletiva.

Como afirma Walter Benjamin, a representação do efêmero e da novidade concernem também ao limiar moderno, em que a história gradativamente se relaciona com o mito, pois o sonho coletivo celebra o esquecimento do passado recente.

“O coletivo que sonha ignora a história. Para ele, os acontecimentos se desenrolam segundo um curso idêntico e sempre novo. Com efeito, a sensação do mais novo, do mais moderno, é tanto uma forma onírica dos acontecimentos quanto o eterno retorno do sempre igual. A percepção do espaço que corresponde a esta percepção do tempo é a transparência da interpenetração e superposição do mundo do *flâneur*. Estas sensações de espaço e tempo foram o berço para a escrita folhetinesca moderna. Coletivo Onírico.”⁷

Como Walter Benjamin definiu em seu livro “Passagens” (2006), a moda é uma moderna medida do tempo, pois o átimo que define a sua temporalidade está sempre adiantado de si mesmo. A experiência da moda é a experiência de um olhar que, atento ao seu tempo, se desloca em direção à experiência do sonho. É a abordagem do sonho que nos permite compreender todas as promessas de mudança, de devir e de transformação. É a partir da percepção destas mudanças e transformações que podemos compreender a moda como um “rito de margem” da sociedade moderna. Por nos situar numa zona liminar entre o passado e o futuro, ela se constitui como uma experiência onírica e transformadora entre a realidade e o artifício.

A essência liminar da moda possibilita à arte atentar-se a experiência temporal de seu tempo, representando os lapsos da memória coletiva e os seus sonhos de eterno presente. Podemos entender esse sonho como todas as promessas de atualização incondicional do tempo em que o presente é perpetuado. As promessas de futuro são experiências limiares que nos fazem transitar entre a finitude e a infinitude do tempo.

O sonho de futuro indica também uma ficção do passado e cada novidade da moda permite que visualizemos como a textura do tempo adere à superfície das coisas e dos corpos. A vivência de sua temporalidade é a experiência de uma fratura do

⁷ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 588.

tempo e é esta cesura que a introduz num eterno limiar. Como afirma Giorgio Agamben, a moda é o melhor exemplo que temos para pensar a descontinuidade da experiência temporal porque ela representa a forma de um limiar inapreensível:

“Aquilo que define a moda é que ela introduz no tempo uma peculiar descontinuidade, que o divide segundo a atualidade e inatualidade, o seu estar ou o seu não-estar-mais-na-moda (na moda e não simplesmente da moda, que se refere somente às coisas). Essa cesura, ainda que sutil, é perspicua no sentido em que aqueles que devem percebê-la a percebem impreterivelmente e, exatamente desse modo, atestam o seu estar na moda; mas, se procurarmos objetivá-la e fixá-la no tempo cronológico, ela se revela inapreensível. Antes de tudo o agora da moda, o instante em que esta vem a ser, não é talvez o momento em que o estilista concebe o traço, a *nuance* que definirá a nova maneira da veste? Ou aquele em que a confia ao desenhista e em seguida à alfaiataria que confecciona o protótipo? Ou, ainda, o momento do desfile, em que a veste é usada pelas únicas pessoas que estão sempre e apenas na moda, as *mannequins*, que, no entanto, exatamente por isso, nela jamais estão verdadeiramente? (...) O tempo da moda está constitutivamente adiantado a si mesmo e exatamente por isso também atrasado, tem sempre a forma de um limiar inapreensível entre um ‘ainda não’ e ‘um não mais’.”⁸

A duração e a efemeridade compõem a materialidade temporal do limiar em que a moda se inscreve. Ambos designam relações que estabelecemos com a preservação e a destruição da memória a partir das modificações das coisas e, também, das pessoas. Para Walter Benjamin, a moda nos permite refletir sobre os “bens culturais” porque a cesura da sua narrativa temporal propicia a fabulação histórica do presente, do passado e do futuro. Este imaginário coletivo fabula o passado histórico no presente e ela se dá por meio de uma “iluminação profana”, ou seja, de acordo com Walter Benjamin, por uma leitura que funde uma inspiração material à antropológica. Esta cognição que se manifesta pela leitura do onírico nos permite compreender as “semelhanças” entre o passado e o presente. É pelo dom de perceber as semelhanças que podemos distinguir o “agora” do “ontem”, a “iluminação profana” coloca as coisas em distância: “o presente determina no objeto o ponto onde divergem sua história anterior e sua história posterior, a fim de circunscrever seu núcleo”⁹.

⁸ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo?* Chapecó: Argos, 2009, pp. 66-7.

⁹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG; Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 518.

A inscrição da temporalidade da moda nas coisas é, para Walter Benjamin, o que transforma a história do presente em mito, uma vez que ela preserva permanentemente o sonho. A ordem da novidade é um domínio de uma realidade sonhada. Esta tentativa das vanguardas romperem o limite entre a vida e a arte não as conduziu a uma reestruturação da práxis vital e, sim, à experimentação do sonho. E são estes sonhos que compõem a experiência liminar da arte e da moda. A interpretação desses sonhos é, para Benjamin, uma forma de “despertar” em que podemos dissolver o fascínio do tempo mítico.

“As imagens do sonho e do despertar desse sonho comportam-se, segundo Benjamin, como a expressão e a interpretação; para ele, somente a interpretação das imagens dissolveria o fascínio. O despertar benjaminiano visava ao ‘genuíno desprendimento de uma época’ (...) Benjamin definiu como ‘o método novo, dialético, de escrever a história: atravessar o ocorrido com a intensidade de um sonho para experimentar o presente como o mundo da vigília ao qual o sonho se refere (F° 6). Esta concepção repousa sobre um conceito místico da história, que mesmo em sua fase tardia, nas teses ‘Sobre o Conceito de História’, Benjamin jamais abandonou. Cada época presente deveria estar em sintonia com determinados momentos da história, a tal ponto que todo acontecimento singular do passado só se tornaria ‘legível’ em uma determinada época, ‘na qual a humanidade, esfregando os olhos, percebe esta imagem onírica como tal’. É neste instante que o historiador assume a tarefa da interpretação dos sonhos (N 4, 1). Mas para tanto não adianta projetar o passado para longe, para o domínio mitológico, e sim, ao contrário, ‘dissolver a mitologia’ no espaço da história (H°17).”¹⁰

Trata-se de pensar a moda como um mecanismo do tempo que permite revelar um potencial utópico para a transformação do presente, pois há no cerne da sua experiência temporal algo que permite conservar a memória coletiva do passado. Para Benjamin, a moda é um fenômeno cultural que reativa as forças míticas nas superfícies em que se inscreve. Estas forças míticas revelam como o progresso e a modernização capitalista transformaram a consciência temporal na modernidade. A “sensação do mais novo e do mais moderno” é uma forma onírica de acontecimento histórico, e são estas forças míticas que a moda atualiza na consciência de temporalidade do presente.

Tudo isso nos permite ler e interpretar as criações futuristas e dadaístas como “sonhos coletivos que ignoraram a história” porque se manifestavam para além da

¹⁰ TIEDEMANN, Rolf, Introdução do livro *Passagens*. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG; Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 19.

realidade do presente. A moda doou às vanguardas artísticas o sonho de reinventar a história do presente. Assim, o Futurismo e o Dadaísmo, conceberam os sonhos de futuro que melhor exprimiam a consciência dos olhares que lançavam para o seu próprio tempo.